

A poética sinestésica em *O livro negro das cores*: A cor como informação na ausência da visão

Tássia Ruiz

Mestranda | Universidade Estadual de Londrina
ruiz.tassia@gmail.com

Rosane Fonseca de Freitas Martins

Doutora | Universidade Estadual de Londrina
rosane@uel.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o poder sugestivo dos signos verbais em *O livro negro das cores*, mostrando que a descrição poética das cores, eminentemente conotativa e a estruturação do texto sinestésico e metafórico, confere a obra potencial para evocar sensações cromáticas multissensoriais por meio de palavras. O conceito de texto literário, de Domício Proença Filho, como principal base teórica, permite afirmar que o livro, por seu alto valor expressivo e sofisticação gráfica, possibilita que o leitor redescubra e (re)crie de forma imaginativa um mundo “colorido” de estímulos, no qual a visualidade não é imperativa.

Palavras-chave

Linguagem literária, função poética, *O livro negro das cores*

1 Introdução

Há algum tempo (a partir do século XIX no Brasil), a imagem faz parte do universo literário infantil. Mas o que a torna um diferencial na produção atual é a forma como a mesma se comporta na obra. A princípio meramente descritivas, as imagens ocupavam ao

lado do texto a função de reiterá-lo; somavam entre as páginas do livro como “simples coleções de imagens” (HUNT, 2010, p.234), sem que houvesse propriamente um diálogo entre as linguagens.

Havia o que atualmente se considera uma superficialidade no uso da imagem nos livros ilustrados, que ao limitar a relação entre a imagem e o texto ao paralelismo: *ilustrando e explicando* para que a criança pudesse *receber e reproduzir* (TAPSCOTT, 2010), pouco estimulava o pensamento crítico do leitor.

Hoje, se questionado o papel da imagem nos livros literários para crianças, é provável que a resposta esteja associada a valores mais libertadores proporcionados pela leitura literária do que tradicionais concepções utilitaristas de ensino por meio de livros infantis (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Atualmente, fala-se de imagens ancoradas à *expressão literária*: linguagem carregada de significado, polifônica e polissêmica, opaca e instigante, como verdadeiros “*enigmas, problemas a serem explicados*” (MITCHELL, 1942, p.8). Pois não se trata mais de um uso baseado na condição ‘natural’ da imagem, mas sim, principalmente, enquanto linguagem codificada, que assim como o texto, auxilia no contar da história, o que, por sua vez, transforma o livro ilustrado em suporte para as inúmeras possibilidades de produção de sentido que o amplo espectro de inter-relações entre palavras e imagens revela.

No entanto, tal experiência expressiva proporcionada pelas diferentes combinações entre os signos verbais e visuais não se limitam à folha impressa. Isto porque o livro contemporâneo na maioria das vezes é planejado enquanto conjunto coerente, articulador de linguagens em um suporte impregnado de intencionalidades. Autores e ilustradores encontram na materialidade do livro (texturas, papéis, materiais e formatos) uma dimensão simbólica suplementar e desafios cada vez mais complexos do trabalho de produção gráfica. Como tentativa de fugir do tradicional, buscam despertar a imaginação do leitor não apenas pela visualidade da obra, mas também pela experiência tocada, sentida; pois a intenção é abusar de uma diversidade de estímulos, a fim de proporcionar uma experiência literária com possibilidades de leituras polissêmicas.

*O livro negro das cores*¹, objeto deste estudo, publicado em 2006 pelas autoras venezuelanas Menena Cottin e Rosana Faria, é exemplo do caráter ímpar e da verdadeira

¹ Vencedor em 2007 do Bologna Ragazzi, um dos prêmios mais prestigiados do setor editorial e gráfico em nível mundial.

obra de arte que representam alguns dos livros ilustrados que podem ser encontrados no mercado editorial infantil.

Em suas páginas negras, que utilizam o código braile e verbal de modo simétrico e com imagens (impressas em verniz) que deixam o tradicional colorido das ilustrações para serem principalmente sentidas pelo tato, o livro traz a proposta de minimizar a supremacia visual e tematizar de modo inovador a deficiência visual, guiando o leitor (com ou sem deficiência visual) por uma experimentação multissensorial da sensação cromática, desafiando-o a pensar no cheiro, no som ou no sabor que cada cor pode ter.

A cor como signo impregnado de intencionalidade instiga o objetivo deste trabalho, o qual tem o propósito de investigar a capacidade da linguagem estética em transfigurar o mundo das palavras em uma manifestação multissensorial na obra literária *O livro negro das cores*.

Tal abordagem, mesmo que introdutória, visa ser referência ao design, e não apenas ao design editorial, por interrogar e procurar informações em um contexto interdisciplinar, como em áreas de estudo científico da linguagem. A intenção é despertar o olhar do profissional e torná-lo consciente do poder de transformação que a linguagem literária proporciona, seja ela verbal ou não verbal, mostrando que quando bem utilizados os recursos estilísticos podem oferecer um impacto maior em projetos que tenham foco nas emoções.

A revisão de literatura busca principalmente nas abordagens de Domício Proença Filho, sobre a linguagem literária esclarecimentos sobre sua eminência conotativa, liberdade de criação e abertura para a multissignificação. Já que a linguagem eminentemente conotativa se afasta de um significado cotidiano para dobrar-se sobre si mesma, exigindo por parte de quem a decodifica uma atenção particular para a forma de estruturação do texto, são também guias para a compreensão e fundamentação do questionamento aqui levantado, a definição de metáfora e questões relativas ao repertório do leitor.

Os referenciais são utilizados de modo que as informações corroborem para a construção de um processo gradual de análises, visando uma melhor compreensão da complexidade do objeto de estudo. Nesse sentido, intercalam-se revisão de literatura e análises de imagens e trechos da obra *O livro negro das cores* como método para se atingir os objetivos que orientam a investigação. Busca-se nesse processo progressivo de construção da estrutura do texto, uma melhor interpretação dos dados e descrição do livro analisado,

partindo de interesses amplos para um estudo mais direcionado à medida que a coleta de dados torna possível abordagens de maior profundidade.

Os resultados mostram que a descrição das cores eminentemente conotativa agrega alto valor expressivo e sofisticação gráfica à obra. Devido à ênfase na mensagem e a estruturação do texto sinestésico e metafórico, tais desvios de linguagem na forma linguística possibilitam evocar sensações por meio de palavras e conferem ao texto-literário potência de tradução para que o leitor, vidente ou não, redescubra e (re)crie de forma imaginativa o mundo sinestésico no qual a visualidade não é imperativa.

2 A linguagem literária e sua eminência conotativa

Uma das maneiras de designar os textos de caráter literário é distingui-lo dos textos não-literários. Em seu livro *A linguagem literária*, Domício Proença Filho (2007), livre-docente em Literatura Brasileira, exemplifica tal distinção partindo da seguinte frase: “- uma flor nasceu no chão da minha rua!” (p.5). Conforme o autor, a frase representa uma manifestação de uso corrente da linguagem no cotidiano, de comunicação direta, imediata e sincrônica – vinculada ao tempo histórico. Em outros termos, a comunicação parte de uma seleção de palavras de um sistema linguístico específico, de maneira que suas possíveis interpretações possam tender a traços semânticos mais constantes e estáveis, isto é, para que a significação de cunho marcadamente utilitário vise à transparência.

Em contraste com o texto anterior, uma frase retirada do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis é exemplo de texto literário: “Uma flor, o Quincas Borba” (PROENÇA FILHO, 2007, p.7). Neste caso, segundo o autor, é possível perceber a utilização especial da língua, no qual a flor deixa de ser um elemento vegetal para alcançar a condição de símbolo, ou seja, a significação passa a existir em função do contexto em que a palavra é empregada; por sua subjetividade e arbitrariedade, não é mais possível efetuar uma análise fora do discurso. Logo, a alteração do significado das palavras na língua, em um determinado contexto comunicativo, transforma o sujeito em leitor-ativo, que deve tentar compreender nas indicações contidas na linguagem, a finalidade que se quer atingir por meio dessa incorporação de elementos que são desviantes em relação ao uso linguístico comum.

Nesse sentido, diferente do texto não-literário, que evita a exploração expressiva do repertório léxico como forma de minimizar a presença de ruídos comunicacionais, o texto

literário se prende à clareza da linguagem para veicular uma forma específica de comunicação, na qual o discurso fica à disposição da criação artística. A língua ganha liberdade para ser utilizada de modo complexo e específico (PROENÇA FILHO, 2007). O uso especial da linguagem autoriza a transgressão de suas regras, pois o texto almeja a opacidade, cria significantes e funda significados justamente para que a linguagem possibilite um alto índice de multissignificação, de ambiguidade, para que a cada releitura seja acrescentada uma nova experiência e expectativa, num constante e gradual movimento de entendimento pelas múltiplas camadas de leitura.

A percepção mais ativa das diferentes realidades torna o sujeito mais consciente da diversidade de seu mundo. Sendo assim, o texto literário pode proporcionar a renovação de reações automatizadas e contribuir para uma vivência mais intensa, representando uma oportunidade de transformação e aprendizagem das experiências de vida (EAGLETON, 1994).

Segundo Terry Eagleton (1994), esse tipo de exercício linguístico e de liberdade interpretativa do texto literário não valoriza apenas uma visão meramente formalista de organização particular da linguagem, na qual o texto é artifício para um exercício de técnicas narrativas, rimas, ritmos, imagens. Preocupa-se também com aquilo que a escrita faz com as pessoas, enquanto fenômeno de linguagem ideológico, que busca em determinado contexto propor um ‘estranhamento’, uma espécie de ‘atentado’ linguístico que propõe um deslocamento da atenção. Ao abrir-se a um tipo específico de decodificação, o texto literário vincula-se à capacidade e ao universo cultural do receptor e, por isso, sempre se efetivará na inter-relação autor/texto/leitor.

É consenso, entretanto, que, no texto literário, se configura uma situação que passa a existir a partir dele como tal e que caracteriza uma apreensão profunda do homem e do mundo, a partir de tensões de caráter individual ou coletivo. (PROENÇA FILHO, 2007, p.29).

Portanto, pode-se atribuir ao texto literário uma eminência conotativa, isto é, a uma maior exploração do que Othon Garcia (2006, p.181) denomina de “magia latente nas palavras”, ao se referir ao poder do sentido conotativo de evocar ideias não literais. Para o autor, diferente do plano denotativo, cujo significado tem sentido referencial (não figurado), pois se refere a algo independente de associação emocional; no sentido conotativo ou afetivo, os signos seriam elementos portadores de significados, que remetem a ideias e associações que ultrapassam o sentido exato ou concreto, numa espécie de emanção

semântica. Trata-se de um enunciado possível graças à faculdade humana de associação de ideias, de um tensor inerente que permite relacionar coisas análogas ou assemelhadas (PROENÇA FILHO, 2007).

Para melhor ilustrar tal definição, Garcia (2006, p. 179), exemplifica conforme o *Dictionnaire de linguistique*:

Denotação é tudo aquilo que, no sentido de um termo, é objeto de um consenso na comunidade linguística. Assim, *rouge* (vermelho) denota uma cor precisa em termos de amplitude de onda, para a comunidade francesa. A conotação é, então, o que a significação tem de particular para o indivíduo ou um dado grupo dentro da comunidade; por exemplo, a conotação política de *rouge* não será idêntica para toda a coletividade de fala francesa.

Remetendo ao objeto de estudo deste trabalho, no seguinte trecho do livro *O livro negro das cores*, pode-se verificar como as autoras utilizam o recurso da conotação para atribuir sentido às cores:

Segundo Tomás, o amarelo tem gostinho de mostarda, mas é macio como as penas dos pintinhos.

O vermelho é azedinho como o morango e doce como a melancia, mas dói quando aparece no joelho machucado.

O marrom faz barulhinho embaixo dos pés da gente quando as folhas estão secas. Às vezes tem cheiro de chocolate; às vezes tem um cheiro muito ruim. [...]. (COTTIN; FARÍA, 2010, p.4-8)



Figura 1 – Capa *O livro negro das cores*

Fonte: COTTIN; FARÍA, 2010

De antemão, é possível notar que apesar do discurso não privilegiar a cor enquanto sensação visual, as autoras partem da cor enquanto informação da visualidade para estabelecer analogias entre a sensação visual e sensações similares despertadas por outras vias sensoriais, como pelo paladar, tato e/ou olfato. Pode-se afirmar que não há prevalência da denotação no texto da obra *O livro negro das cores* ou qualquer referência a cores precisas, isto porque, o objetivo é não remeter a um objeto especificamente, ou seja, a linguagem não se orienta para resultados concretos no mundo real; ‘o morango não é vermelho’. Ao contrário, a finalidade apresenta-se justamente na contraposição, em mostrar a capacidade da linguagem em impregnar a cor com informações latentes para posterior decodificação consciente do leitor.

Nesse âmbito, o narrador-onisciente descreve um cenário em que o significado das cores está vinculado a uma apreensão cognitiva singular em relação ao mundo, da não percepção fisiológica da informação cromática, que ainda é pouco conhecida e carece de pesquisa. Sabe-se que a deficiência visual está atrelada a um processo cognitivo específico, cuja particularidade da reorganização cognitiva implica condicionantes específicos, em fatores para a aprendizagem e adaptação na produção de sentido ou construção de conhecimento, que não pode ser vivenciada ao fechar os olhos ou permanecendo em um ambiente sem luz. Há, portanto, pelo modo de perceber de Tomás, o personagem da narrativa, a intenção de evocar sensações múltiplas e algumas das vezes contraditórias, para que o leitor possa se deparar com os vários sentidos e sensações que uma cor pode proporcionar.

Assim, o texto literário é desviante, pois retira a cor “informação visual” de seu contexto, de sua definição convencional, para que o leitor seja guiado por um universo paralelo ou novo – já que a cor é um estímulo específico dos órgãos visuais, um mundo colorido estruturado na compensação sensorial tátil, gustativa e olfativa diante da deficiência visual, do qual não há razão para que a cor possua um significado definível, uma monossignificação.

Luciano Guimarães (2000), autor que se propõe a investigar profundamente as cores, explica que se trata de uma característica desse universo assumir traços binários, como positivos ou negativos, dependendo do contexto de sua aplicação, a cor vermelha, por exemplo, pode assumir dependendo dos códigos culturais significados como violência e paixão. Para o autor, como a apreensão, transmissão e armazenamento das cores enquanto

informação estão estritamente vinculadas a três níveis de código: cultural, linguagem e fisiológico. Nesse sentido, a cor possui autonomia significativa, o que permite a coexistência de significados opostos numa mesma cor, visto que a interpretação do texto cromático possui referências próprias.

Logo, será papel da imaginação do receptor dar uma livre interpretação para a história e para cada cor descrita. Com seu conhecimento, experiências e expectativas, imaginar na singularidade do seu repertório e em suas influências ideológicas, a percepção do vermelho que se tem a partir da sensação de ‘azedinho’ como morango e/ou ‘doce’ como a melancia e/ou se ‘doí’ quando aparece no machucado.

Uma vez que o texto literário vincula-se à capacidade e ao universo cultural do receptor, é importante ressaltar que na adjetivação da cor por meio da linguagem, há também uma busca por correspondência entre o conteúdo produzido e um repertório partilhado de maneira mais ampla pelos leitores com ou sem deficiência. Como dito anteriormente, a obra lida com a imprecisão do universo cognitivo da deficiência visual, no entanto, de modo geral, os signos utilizados para a conotação das cores como folhas secas, penas do pintinho ou morangos, são objetos concretos e passíveis de serem apreendidos, tanto pela visão quanto pelo tato.

Los colores de las flores, um curta-metragem com cerca de quatro minutos de duração, ilustra a necessidade de proporcionar meios para a integração da pessoa com deficiência visual. O filme, produzido pela fundação espanhola e sem fins lucrativos ONCE, conta a história de Diego, um menino cego que precisa desenvolver uma redação sobre as cores das flores. Ao se deparar com a difícil definição técnica de cores e com o desafio de narrar um aspecto da visualidade, Diego mostra-se motivado a superar tais empecilhos e em encontrar uma forma de expressar seu ponto de vista sobre as cores.

Caraterizado como uma criança estimulada pelos pais, os produtores destacam a importância da estimulação para a formação de seu repertório. Antes de encontrar sua solução, o menino é mostrado explorando pelo tato um livro infantil, uma fábula sobre pássaros e flores, e posteriormente passeando no parque onde tem contato com o canto dos pássaros. O vídeo demonstra que a redação não precisa deixar de ser feita pela impossibilidade de ver as cores das flores, utilizando a imaginação e a criatividade, Diego encontra nos pássaros as cores das flores e é capaz de narrar sua experiência aos demais alunos da sala. Como mostra a Figura 2.

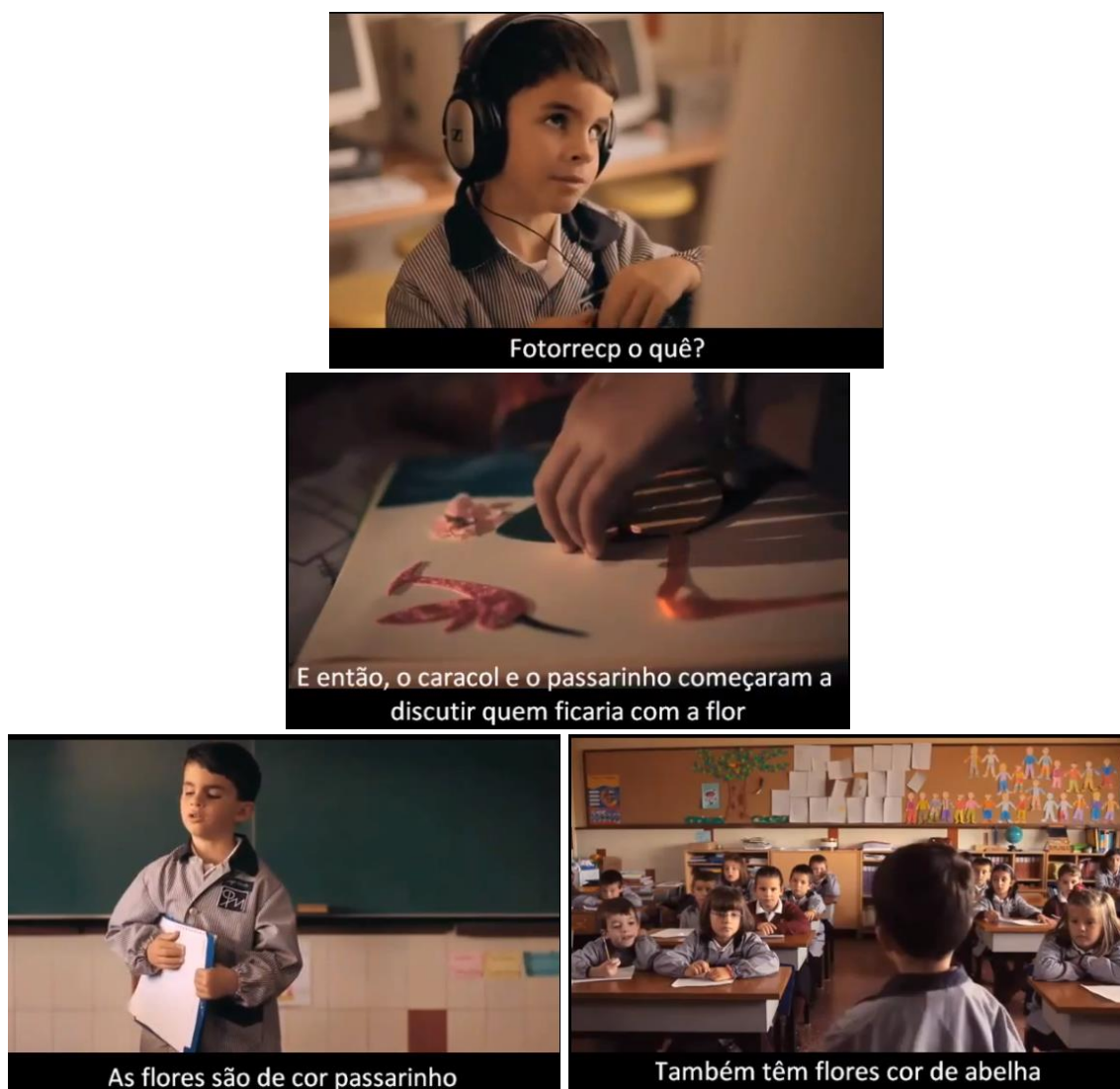


Figura 2 – Cenas do curta-metragem *A cor das flores*
Fonte: BEMFICA; FIRMO, 2010.

O exemplo de Diego explicita a necessidade de aproximação de conceitos abstratos a elementos que possam ser tateados, como forma de inclusão da criança com deficiência. Como explica Maria Lucia Miyake Okumura (2012), faz parte do cotidiano distinguir, expressar e caracterizar coisas por meio das cores. A cor está relacionada diretamente ao convívio social e, atualmente, é quase sinônimo de visualidade, por sua força comunicativa e cultural e enorme poder de apelo e influência sobre as sensações humanas. A autora relata uma experiência em sala de aula:

Coloco um fato que aconteceu, é de um adolescente cego desde o nascimento e que não queria assistir a aula porque segundo ele, se não enxergava as cores então para nada o serviria. Este aluno gosta muito de futebol e é torcedor “roxo” do CAP, além de jogar bem bola (*goalball*). Não tive dúvida, comecei a aula falando dos torcedores do “furacão” que espalham vermelho e preto nas ruas no dia do jogo. Aos poucos, o aluno foi se aproximando, sentou e começou a participar da aula com ânimo, principalmente quando referia-se ao “rubro-negro”. (OKUMURA, 2012).

A importância da aplicação desse modo de explicar as cores torna-se mais eficiente, isto porque a cor, como informação visual, não é senão um conceito apreendido pelas crianças cegas congênitas; logo, ao partilhar tal realidade vinculando ambas as formas de apreensão do mundo para a formação de um repertório, proporciona um método de ensino vivenciado e não simplesmente um conceito decorado que não faz sentido.

A abordagem das autoras do livro *O livro negro das cores* favorece as assimilações que devem ser feitas para que se compreenda o contexto e para que se atinja a desautomatização em relação ao mundo que a linguagem propõe. Mesmo em momentos nos quais o texto traz elementos de características exclusivamente visuais, a discussão mostrará que a forma como a obra se estrutura fornece meios para que se possa entender conceitos inapreensíveis pelo tato.

3 Inferências por similaridade em *O livro negro das cores*

As formulações anteriores mostram como o texto da obra *O livro negro das cores* utiliza a conotação para assumir caráter literário, ao buscar singularidades no emprego da linguagem da cor, proporcionando ao leitor um espaço que questiona códigos automatizados e fornece novas possibilidades para um cenário que, em geral, privilegia a visualidade.

Nesse tópico, a abordagem centra-se justamente na ênfase dada à mensagem, em decorrência desse exercício com a palavra que ocorre no texto. Como visto, a vinculação de significados e associações aos indícios contidos na própria linguagem exige por parte de quem a decodifica uma atenção particular para a forma de estruturação do texto, assim, o presente estudo cujo objetivo é investigar essas manifestações da linguagem, focará neste momento na utilização de recursos estilísticos, como a metáfora e a sinestesia, a fim de apontar meios pelos quais a linguagem mostra sua capacidade de impregnação de novos significados.

Em “O marrom faz barulhinho”, por exemplo, o trecho retirado do livro realça a noção da utilização de recursos linguísticos como procedimento para alcançar o aspecto expressivo das palavras desejado. O marrom, enquanto informação visual, não pode corresponder a “barulhinho” por ser uma informação apreendida pelas vias auditivas, assim, para que ambos os contextos díspares possam produzir um significado, o texto literário emprega a figura de retórica metáfora para que haja similaridade entre dois elementos.

Sobre a metáfora, Lucia Santaella esclarece:

A metáfora representa seu objeto por similaridade no significado do representante e do representado. Ao aproximar o significado de duas coisas distintas, a metáfora produz uma faísca de sentido que nasce de uma identidade posta à mostra. É justamente esse efeito que uma do tipo “ela tem olhos de azeitona” produz. (2005, p.18)

Ou seja, a metáfora aproxima o significado de duas coisas distintas, no entanto, é preciso cautela para não limitar o recurso linguístico a uma mera comparação interessante entre palavras (GARCIA, 2006). Isto porque a metáfora significa mudança, transporte, e está fundamentada na ideia de duplicidade de referências, nessa habilidade de entender, bem como experimentar uma coisa em termos de outra, potencializando o processo comunicativo (LAKOFF; JOHNSON, 1995).

A linguagem metafórica proporciona ao escritor o poder de estabelecer analogias lógicas para a numerosidade de ideias e experiências para as quais ele não encontra um vocabulário adequado (GARCIA, 2006). A necessidade de traduzir conceitos visuais para os demais sistemas sensoriais, por exemplo, possibilita a criação dessas semelhanças e da estruturação de conceitos mais vagos em conceitos mais concretos e plausíveis, delimitando de forma mais clara a experiência que se almeja transmitir ao leitor por meio das palavras.

E o recurso sinestésico, também bastante empregado na construção verbal em *O livro negro das cores*, do mesmo modo que a metáfora consiste em atribuir a uma coisa qualidade que ela na realidade não pode ter senão figurativamente, pois o sentido pela qual é percebida pertence a outra área (GARCIA, 2006). Há sinestesia, portanto, quando se cruzam duas sensações, como na expressão voz áspera, na qual voz remete a uma sensação auditiva e áspera a uma sensação tátil.

Assim sendo, o relato de Tomás encontra no sentido metafórico um recurso para a manifestação multissensorial de sua percepção e um meio de proporcionar ao leitor uma experiência singular produzida por meio da palavra, ou seja, permite imprimir marcas

emocionais de seu modo de apreender o mundo pela linguagem das cores que *a priori* não poderia ser feita por ser uma informação restrita à visualidade.

O **vermelho** (**visual**) é azedinho (**paladar**) como o morango e doce (**paladar**) como a melancia, mas dói (**tato**) quando aparece no joelho machucado.

Ele diz que o **verde** (**visual**) cheira (**olfato**) a grama recém-cortada e tem gostinho (**paladar**) de sorvete de limão.

Quadro 1 – Relações sinestésicas

Fonte: Quadro elaborado pelos autores

No quadro 1 é possível observar como as palavras estão impregnadas de elementos sonoros, táteis, gustativos, olfativos e visuais. Trata-se de uma impregnação no texto do livro de elementos conotativos, carregados de efeitos sinestésicos, que possibilitam constatar a capacidade da estruturação da linguagem estética em transfigurar o mundo das palavras em manifestações de emoção. Cada palavra e frase do texto possibilitam um sentido diferente, permitindo que o leitor seja guiado para uma apreensão singular e multissensorial do mundo.

Destacar os paradigmas que compõem a seleção sensorial das cores permite constatar, pela quantidade de adjetivações correspondentes a cada sistema sensorial, a intenção do texto de restringir a visualidade das sensações evocadas e priorizar outras fontes sensoriais. Entretanto, pode-se afirmar que não há uma seleção de significados totalmente aleatórios para a construção das relações metafóricas no texto ou de uma tentativa de negligenciar a informação visual.

A estruturação do texto não nega que a cor, por ser um estímulo restrito aos órgãos da visão, seja um conceito abstrato apreendido pela pessoa cega, há, então, uma preocupação das autoras em estabelecer vínculos entre a informação visual e os significados conotados no discurso do narrador-onisciente, para que o leitor tenha a possibilidade de identificar-se com a mensagem da obra, estabelecendo laços emocionais mais estreitos diante de um contexto mais representativo. Ou seja, é possível identificar no morango, na melancia e no machucado, por exemplo, que os três signos partilham da mesma informação, ou seja, a cor vermelha pura - em sentido fisiológico. E mesmo que não explicita tal relação durante o relato das cores no texto, já que o 'morango não é vermelho'; é possível perceber que tais

similaridades ocorrem também com outras cores descritas, como o amarelo da mostarda, o verde da grama, etc.

Há ainda aproximações de valor cultural que podem ser citadas, tomando como exemplo as cores vermelho e verde, tem-se:

- O 'vermelho' traz a referências da alimentação, da energia e do fluxo (sangue), ou que pode remeter à proibição, ao perigo, ao amor, a sedução, vulgaridade, sensualidade, intensidade;
- Já o 'verde' sugere umidade calma frescor, esperança, tranquilidade e equilíbrio; além de todas as conexões com a ecologia, liberdade e a natureza (FARINA, PERES, BASTOS, 2006).

Alinhando os simbolismos de ambas as cores com os trechos do texto (Quadro 1), é possível detectar a contiguidade simbólica que se estabelece entre as referências. O verde descrito como: cheira à grama recém-cortada, pode assim como na conotação cultural ser associado ao frescor e à natureza. Com o vermelho pode-se dizer o mesmo, enquanto cor notável por suas polaridades (paixão/perigo), no texto seus significados também são explorados por sensações antagônicas, como em azedo/doce em referência às frutas e a dor/perigo ao remeter ao machucado.

Outro aspecto relevante, que vai além de significados vinculados à linguagem da cor estritamente visual, é a abordagem em relação aos novos significantes e significados para a informação cromática, tanto para os conceitos abstratos e inapreensíveis à criança cega quanto aos concretos. Merece destaque o modo como as autoras planejaram a construção verbo-visual, pois se atentaram para a especificidade do aprendizado da criança com deficiência visual, visando à efetividade na produção de sentido.

Em um momento anterior, foi dito que muitas das referências metafóricas foram vinculadas a objetos que pudessem ser percebidos pelo tato ou pelos demais sentidos remanescentes pela criança cega, como a grama, o morango ou penas. Isto porque, conforme explica Marta Gil (2001), diante da ausência da visão, há uma reorganização cognitiva nas pessoas com deficiência visual que redireciona a construção de conhecimento à sinestesia dos sentidos remanescentes.

Desse modo, para ser capaz de 'ler' imagens, a criança cega congênita deve aprender a usar, principalmente, a sensibilidade do tato, a fim de perceber, explorar e reconhecer superfícies, objetos e suas propriedades. Mas diferente da visão, que é capaz de registrar e decodificar rapidamente uma enorme quantidade de informações que podem ser retiradas de um meio iluminado, o tato precisa do contato, de uma proximidade com o objeto, mesmo

possuindo alta sensibilidade e poder discriminativo – cerca de quatro e meio milímetros para a discriminação de dois pontos, no caso do dedo indicador (STERNBERG, 2010). Devido a essa propriedade, o limite da percepção tátil fica restrito às dimensões exatas da superfície da pele em contato com o estímulo, caracterizando um modo de perceber fragmentado e sequencial.

Logo, optar por objetos pelos quais as crianças pode ter contato ‘real’ prévio e detalhado, evita confusões e favorece o processo de leitura, tanto do texto verbal quanto do não-verbal, ao facilitar o estabelecimento de relações entre os objetos concretos do mundo e as referências metafóricas, pois a linguagem conotativa só terá significado se a criança for capaz de assimilar as semelhanças entre a representação e o objeto ao qual ela se refere.

Mas o conceito arco-íris, abstrato e que não pode ser visto, ouvido, degustado ou tasteado, não deixa de usado como forma de facilitar a compreensão. *O livro negro das cores* assume o desafio de trabalhar com padrões e objetos que demandam um maior esforço por parte criança e ao não ignorá-los propõe uma construção de modo inovador para que possibilite a produção de sentido. O texto descreve: “[...] E se o sol resolve dar uma olhadinha na água que cai, todas as cores aparecem para pintar um arco-íris”. Apesar da representação não corresponder à imagem tradicional de arcos multicolorido (sete cores), as autoras optam por uma descrição simplificada e passo a passo. Conforme Figura 3.

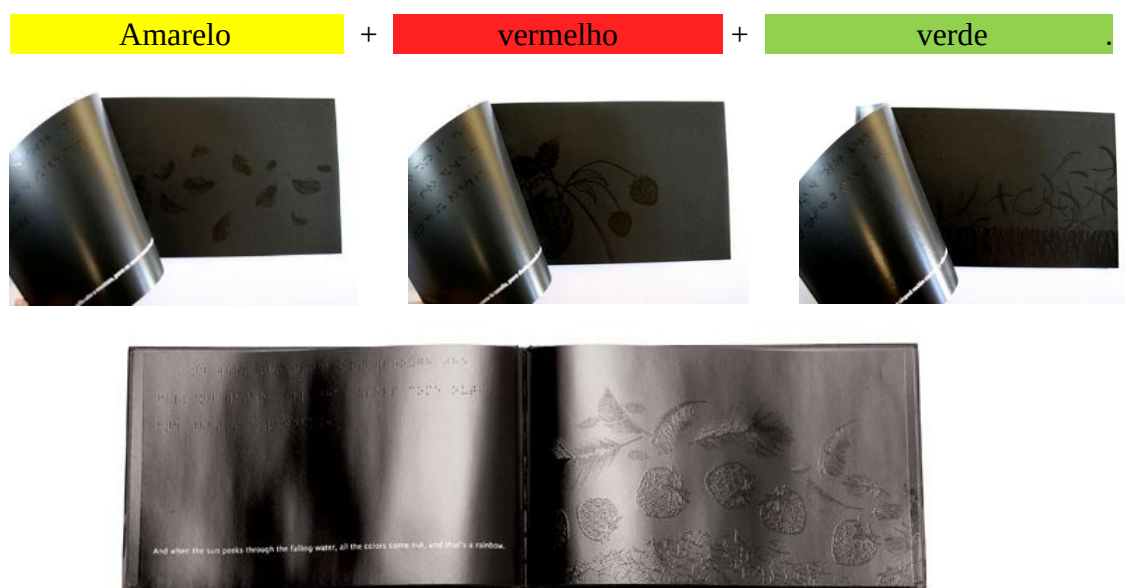


Figura 3 – Páginas do livro *O livro negro das cores*.

Fonte: COTTIN; FARÍA, 2010

Na imagem acima, é possível perceber que a construção da cor é realizada por meio da contiguidade de outras três cores, o amarelo, o vermelho e o verde. Cada cor é descrita em um momento anterior, para que o leitor quando se depare com a descrição do arco-íris como sendo o encontro das cores: *todas as cores aparecem*, possa sentir conforme as particularidades da sensibilidade tátil – que evita um excesso de informações que venham gerar ruídos e prejudicar a eficácia da imagem, as associações emocionais que o encontro das cores pode proporcionar.

O leitor encontra na imagem a dimensão simbólica suplementar para que a sensação possa ser evocada, ou seja, tem a possibilidade de compreender o conceito de um arco-íris e a sensação descrita por Tomás no texto verbal, pelo agrupamento de cores pelas quais ele já pode vivenciar e experimentar pelo texto literário.

Finalizando, independe de qual será o significado de cor, o livro mostra o desafio de se trabalhar com a cor diante da deficiência visual, encontrando na linguagem conotativa recursos e meios pelos quais pode proporcionar ao sujeito espaços outros para se descobrir a alteridade do mundo.

4 Considerações Finais

O presente trabalho propôs investigar o poder sugestivo dos signos verbais em *O livro negro das cores*, publicado em 2006 pelas autoras venezuelanas Menena Cottin e Rosana Faria, mostrando que a descrição das cores eminentemente conotativa, agregam alto valor expressivo e sofisticação gráfica à obra.

A discussão evidencia que não há prevalência da denotação no texto da obra, pois não há qualquer intenção de referência a cores precisas de modo objetivo ou cotidiano. Eminentemente conotativo, o livro apoiado ao desvio linguístico e ao seu projeto gráfico sofisticado, de páginas negras e imagens táteis, proporciona uma fuga do tradicional, inovando a força de apelo da linguagem visual em um mundo predominantemente mediado pelas apreensões sensoriais captadas pela visão.

Por possibilitar a renovação de reações automatizadas e contribuir para uma vivência mais intensa das experiências multissensorial que o mundo pode proporcionar, o livro representa uma oportunidade de transformação e aprendizagem das experiências de vida. Logo, o livro torna-se espaço de integração de leitores cegos e videntes ao respeitar as diferenças cognitivas e proporcionar meios, como a vinculação de repertórios acessíveis a

ambos, para que a intencionalidade da linguagem provoque o desvio objetivado, a vivência de uma experiência sensorial cromática diferenciada.

Apesar do design não ter sido apontado diretamente no decorrer deste estudo, espera-se que o profissional da área encontre neste texto indícios de um modo de se trabalhar com a linguagem que muitas vezes não se tem consciência. Assim, espera-se que uma perspectiva interdisciplinar possa de algum modo favorecer para a formação dos mesmos, mostrando fatores que agregam valor e relevância ao texto verbo-visual que podem proporcionar novos meios de se pensar em projeto, no qual o consumidor seja beneficiado com um acesso cada vez mais amplo a materiais que o forcem a pensar, a se deslocar, sugerindo sempre uma jornada que o leve a respirar algo novo, a experimentar culturas, contextos e relações diferentes.

Referências

- BEMFICA, M.; FIRMO, L. *Los colores de las flores* [Filme - video]. Direção de Miguel Bemfica, Produção de Luciano Firmo. Espanha, JWT de Madri, 2010. 4 min. Disponível em: < <http://www.jwt.com/thecoloroftheflowers> >. Acesso em: 28 fev. 2013.
- COTTIN, M.; FARÍA, R. *O livro negro das cores*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FARINA, M.; PEREZ, C., BASTOS, D. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Edgard Blusher, 2006.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- GIL, M. (org.). *Deficiência visual*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação a Distância, 2001.
- GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Anna Blume, 2000.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Los conceptos mediante los que vivimos. In: *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Catedra, 1995.
- MITCHELL, W. J. T. *Iconology: image, text, ideology*. Londres: University of Chicago, 1942.
- OKUMURA, M.L.M. *Visão e Percepção: um olhar para o conhecimento*. Disponível em: <http://lumi.wordpress.com>. Acesso em: 17 dez 2012.
- PIGNATARI, D. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

STERNBERG, R. J. *Psicologia cognitiva*. 5. ed. São Paulo: Cengage learning, 2010.

TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital*: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rios de janeiro: Agir negócios, 2010.

A poetic synaesthetic in Black Book of Colors: Color as information in the absence of vision

Abstract

This article aims to investigate the suggestive power of verbal signs in *O livro negro das cores* (The Black Book of Colors), showing that the poetic description of the colors, which is highly connotative and structuring text synaesthetic and metaphorical, gives potential for the work to evoke multisensory chromatic sensations through words. The concept of literary text, from Domício Proença Filho, as the main theoretical basis, lets say that the book, for its high expressive value and graphics sophistication, enables the reader to rediscover and (re) create "colorful" world of stimulus, imaginatively, in which the visual is not mandatory.

Keywords

Literary, poetic function, The Black Book of Colors

La poética sinestésica en el Libro Negro de los Colores: Color como información en ausencia de la vision

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar el poder de sugestión de los signos verbales en el libro negro de los colores, que muestra que la descripción poética de los colores, altamente connotativo y estructurar el texto sinestésica y metafórico, da a la obra potencial para evocar sensaciones multisensoriales cromática a través de las palabras. El concepto del texto literario, de Domício Proença Hijo, como principal base teórica para sugerir que el libro, por sus altos gráficos expresivos y sofisticados, permite al lector a redescubrir y (re) crear un mundo "colores" imaginación de estímulos, en el que el visual no es imprescindible.

Palabras-clave

Lenguaje literario, la función poética, El libro negro de los colores

Recebido em 26/03/2013

Aceito em 03/09/2013

Copyright (c) 2010 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.

